



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XXIII - N.º 64

CAPITAL FEDERAL

QUINTA-FEIRA, 5 DE SETEMBRO DE 1968

ATA DA 65ª SESSÃO CONJUNTA, EM 4 DE SETEMBRO DE 1968.

2ª Sessão Legislativa Ordinária, da 6ª Legislatura

PRESIDENCIA DOS SRS.: PEDRO ALEIXO E CATTETE PINHEIRO

As 21 horas acham-se presentes os Srs. Senadores:

Acaílberto Sena.

Flávio Brito.

Edmundo Levi.

Desiré Guarani.

Milton Trindade.

Cattete Pinheiro.

Cledomir Milet.

Sebastião Archer.

Victorino Freire.

Petrônio Portela.

Sigefredo Pacheco.

Menezes Pimentel.

Duarte Filho.

Dinarte Mariz.

Argemiro de Figueiredo.

Júlio Leite.

José Leite.

Aloysio de Carvalho.

Antônio Balbino.

Josaphat Marinho.

Carlos Lindemberg.

Raul Giuberti.

Paulo Torres.

Aurão Steinbruch.

Vasconcelos Torres.

Mário Martins.

Aurélio Viana.

Gilberto Marinho.

Nogueira da Gama.

Carvalho Pinto.

Lino de Maitos.

João Abrahão.

Pedro Ludovico.

Fernando Corrêa.

Bezerra Neto.

Ney Braga.

Adolpho Pianco.

Mello Braga.

Celso Ramos.

Antônio Carlos.

Gulio Mondin.

Daniel Krieger.

Eos Srs. Deputados:

Acre:

Geraldo Mesquita — ARENA.

Jorge Lavocat — ARENA.

Maria Lúcia Araujo — MDB.

Mário Maia — MDB.

Nosser Almeida — ARENA.

Ruy Lino — MDB.

Wanderley Dantas — ARENA.

Amazonas:

Abrahão Sabbá — ARENA.

Bernardo Cabral — MDB.

Carvalho Leal — ARENA (26 de fevereiro de 1969).

Joel Ferreira — MDB.

José Lindoso — ARENA.

Raimundo Parente — ARENA.

Wilson Calmon — ARENA (1-11-68).

Para:

Armando Corrêa — ARENA.

Gabriel Hermes — ARENA.

CONGRESSO NACIONAL

Gilberto Azvedo — ARENA.
Haroldo Veílso — ARENA.
Hélio Cueiros — MDB.
Juvençio Dias — ARENA.

Maranhão:

Alfonso Matos — ARENA (18-9-68).
Alexandre Costa — ARENA.
Américo de Souza — ARENA.
Cid Carvalho — MDB.
Freitas Diniz — MDB.
Henrique de La Rocque — ARENA.
José Burnett — MDB.
José Marão Filho — ARENA.
Nunes Freire — ARENA.
Pires Saboia — ARENA.
Renato Archer — MDB.
Temistocles Teixeira — ARENA.
Vieira da Silva — ARENA.

Piauí:

Chagas Rodrigues — MDB.
Ezequias Costa — ARENA.
Fausto Castelo Branco — ARENA.
Joaquim Parente — ARENA.
Milton Brandão — ARENA.
Paulo Ferraz — ARENA.
Sousa Santos — ARENA.

Ceará:

Delmiro Oliveira — ARENA.
Edilson Melo Tavora — ARENA.
Ernesto Valente — ARENA.
Figueiredo Corrêa — MDB.
Furtado Leite — ARENA.
Hildebrando Guimaraes — ARENA (17-1-69).
Leão Sampaio — ARENA.
Manuel Rodrigues — ARENA.
Martins Rodrigues — MDB.
Padre Vieira — MDB.
Wilson Roriz — ARENA.

Rio Grande do Norte:

Agenor Maria — ARENA (23 de janeiro de 1969).
Ervan França — ARENA (17-1-69).
Gralandi Ribeiro — ARENA.
Theodorico Bezerra — ARENA.
Xavier Fernandes.

Paraíba:

Bivar Olinho — MDB.
Ernani Satyro — ARENA.
Humberto Lucena — MDB.
Janduhy Carneiro — MDB.
João Fernandes — MDB (27 de outubro de 1968).
Monsenhor Vieira — ARENA.
Osmar de Aquino — MDB (29 de dezembro de 1968).
Pedro Gondim — ARENA.
Plínio Lemos — ARENA (1-1-69).
Wilson Braga — ARENA.

Pernambuco:

Adeibal Jurema — ARENA.
Alde Sampaio — ARENA (31-12-68).
Andrade Lima Filho — MDB (31 de outubro de 1968).
Antônio Neto — MDB.
Arruda Camara — ARENA.
Bezerra Leite — ARENA (30 de dezembro de 1968).
Cid Sampaio — ARENA.
Geraldo Guedes — ARENA.
Josias Leite — ARENA.

Milvences Lima — ARENA.
Paulo Maciel — ARENA.
Petronílio Santa Cruz — MDB (7 de setembro de 1968).
Souto Maior — ARENA.

Alagoas:

Aloysio Nonô — ARENA.
Cleto Marques — MDB.
Djalma Falcão — MDB.
Luiz Cavalcante — ARENA.
Medeiros Neto — ARENA.
Oséas Cardoso — ARENA.
Segismundo Andrade — ARENA.

Sergipe:

Arnaldo Garcez — ARENA.
José Onias — ARENA (15-11-68).
Luis Garcia — ARENA.
Passos Pórtio — ARENA.

Bahia:

Alves Macedo — ARENA.
Clodoaldo Costa — ARENA.
Edgard Pereira — MDB.
Edvaldo Flores — ARENA.
Fernando Magalhães — ARENA.
Hanequim Dantas — ARENA.
João Alves — ARENA.
João Borges — MDB.
José Penedo — ARENA.
Luis Athayde — ARENA.
Luiz Braça — ARENA.
Manuel Novaes — ARENA.
Mário Piva — MDB.
Ney Ferreira — MDB.
Odulfo Domingues — ARENA.
Oscar Cardoso — ARENA.
Raimundo Brito — ARENA.
Rubem Nogueira — ARENA.
Ruy Santos — ARENA.
Theódulo de Albuquerque — ARENA.

Tourinho Dantas — ARENA.

Vasco Filho — ARENA.

Wilson Falcão — ARENA.

Espírito Santo:

Argilano Dario — MDB (26 de dezembro de 1968).
Feu Rosa — ARENA.

Mário Gurgel — MDB.

Oswaldo Zanello — ARENA.

Parente Frota — ARENA.

Raymundo de Andrade — ARENA.

Rio de Janeiro:

Adolpho de Oliveira — MDB.
Affonso Celso — MDB.

Alair Ferreira — ARENA (19 de setembro de 1968).

Altair Lima — MDB.

Ario Theodoro — MDB (SE).

Carlos Quintella — ARENA (19 de setembro de 1968).

Daso Colmbara — ARENA.

Dayl de Almeida — ARENA.

Getúlio Moura — MDB.

Jorge Said Cury — MDB (23 de setembro de 1968).

José Sály — ARENA.

Júlia Steinbruch — MDB.

Miguel Couto — ARENA (SE).

Paulo Biar — ARENA.

Pereira Pinto — MDB (22-2-69).

Raymundo Padiha — ARENA.

Sadi Bogado — MDB.

Guanabara:

Arnaldo Nogueira — ARENA — UNESCO.

Ereno Silveira — MDB.

Cardoso de Menezes — ARENA.

Erâsio Martins Pedro — MDB.

Hermano Alves — MDB.

Jamil Amíden — MDB.

Márcio Moreira Alves — MDB.

Mendes de Moraes — ARENA.

Nelson Carneiro — MDB.

Pedro Faria — MDB.

Raul Brunini — MDB.

Reinaldo Sant'Anna — MDB.

Rubem Medina — MDB.

Waldyr Simões — MDB.

Minas Gerais:

Aécio Cunha — ARENA.

Aquiles Diniz — MDB.

Aureliano Chaves — ARENA.

Austregésilo Mendonça — ARENA.

Bento Gonçalves — ARENA.

Celso Passos — MDB.

Dnar Mendes — ARENA.

Edgar Martins Pereira — ARENA.

Elias Carmo — ARENA.

Francelino Pereira — ARENA.

Geraldo Freire — ARENA.

Gilberto Almísa — ARENA.

Guilherme Machado — ARENA.

Guilhermino de Oliveira — ARENA.

Gustavo Capanema — ARENA.

Hélio Garcia — ARENA.

Hugo Aguiar — ARENA.

Israel Pinheiro Filho — ARENA.

João Herculino — MDB.

José Bonifácio — ARENA.

José Maria Magalhães — MDB.

Luis de Paula — ARENA.

Mancel de Almeida — ARENA.

Mancel Tavares — ARENA.

Maia Machado — MDB.

Maurício de Andrade — ARENA.

Milton Reis — MDB.

Murilo Badaró — ARENA.

Nísia Carone — MDB.

Nogueira de Resende — ARENA.

Ozanan Coelho — ARENA.

Padre Nobre — MDB.

Paulo Freire — ARENA.

Pedro Vidal — ARENA.

Pinheiro Chagas — ARENA.

Renato Azeredo — MDB.

Simão da Cunha — MDB.

Sinval Boaventura — ARENA.

Teófilo Pires — ARENA (SE).

São Paulo:

Adalberto Camargo — MDB.

Alecsu de Carvalho — MDB.

Amaral Furlan — ARENA.

Aniz Badra — ARENA.

Aimundo Mastrocola — ARENA.

Athié Couri — MDB.

Baptista Ramos — ARENA.

Bezerra de Melo — ARENA.

Broca Filho — ARENA.

Campos Vergal — ARENA (23 de dezembro de 1968).

Cândido Sampaio — ARENA.

Cardoso Alves — ARENA.

Celso Amaral — ARENA.

Chaves Amarante — ARENA.

Cunha Burno — ARENA.

David Lerer — MDB.

Dias Menezes — MDB.

Dorival de Abreu — MDB.

Emersoniano de Barros — MDB.

Ewald Pinto — MDB.

Francisco Amaral — MDB.
Franco Montoro — MDB.
Gastone Righi — MDE.
Harry Normanton — ARENA.
Hélio Navarro — MDB.
Israel Novaes — ARENA.
Italo Fittipaldi — ARENA.
José Resegue — ARENA.
Lacorte Vitale — ARENA.
Lauro Cruz — ARENA (SE).
Leonardo Monaco — ARENA (SE).
Levi Tavares — MDB.
Lurtz Sabá — MDB.
Marcos Kertzmann — ARENA.
Mário Covas — MDB.
Nicolau Tuma — ARENA.
Paulo Abreu — ARENA.
Pedro Marão — MDB.
Pereira Lopes — ARENA.
Plínio Salgado — ARENA.
Sussumu Hirata — ARENA.
Ulysses Guimarães — MDB.
Yukishige Tamura — ARENA.

Goiás:

Anapolino de Faria — MDB.
Antônio Magalhães — MDB.
Ary Valadão — ARENA.
Benedito Ferreira — ARENA.
Celestino Filho — MDB.
Ernival Cazado — ARENA.
Jales Machado — ARENA.
Joaquim Cordeiro — ARENA.
José Freire — MDB.
Lisboa Machado — ARENA.
Paulo Campos — MDB.
Rezende Monteiro — ARENA.
Wilmar Guimarães — ARENA.

Mato Grosso:

Edy Fraz — ARENA.
Feliciano Figueiredo — MDB.
Garcia Neto — ARENA.
Marcelo Lima — ARENA.
Rachid Mamede — ARENA.
Saldanha Derzzi — ARENA.
Weimar Torres — ARENA.

Paraná:

Accioly Filho — ARENA.
Agostinho Rodrigues — ARENA.
Antônio Anibelli — MDB.
Cid Rocha — ARENA.
Emílio Gomes — ARENA.
Fernando Gama — MDB.
Haroldo Leon Peres — ARENA.
José Richa — MDB.
Justino Pereira — ARENA.
Léo Neves — MDB.
Lyrio Bertolli — ARENA.
Maia Neto — ARENA.
Renato Celidônio — MDB.

Santa Catarina:

Adhemar Ghisi — ARENA.
Albino Zeni — ARENA.
Aroldo Carvalho — ARENA.
Carneiro Loyola — ARENA.
Doin Vieira — MDB.
Genésio Lins — ARENA.
Joaquim Ramos — ARENA.
Lenoir Vargas — ARENA.
Ligia Doutel de Andrade — MDB.
Osmar Cunha — ARENA.
Osmar Dutra — ARENA.
Osni Regis — ARENA.
Paulo Macarini — MDB.
Romano Massignan — ARENA.

Rio Grande do Sul:

Adylio Viana — MDB.
Alberto Hoffmann — ARENA.
Aldo Fagundes — MDB.
Amaral de Sousa — ARENA.
Antônio Bresolin — ARENA.
Arlindo Kunsler — ARENA.
Arnaldo Prietto — ARENA.
Ary Alcântara — ARENA.
Brito Velho — ARENA.
Clóvis Pestana — ARENA.
Daniel Faraco — ARENA.
Euclides Triches — ARENA.
Florígeno Paixão — MDB.
Henrique Henkin — MDB.
Jairo Brun — MDB.
José Mandelli — MDB.
Lauro Leitão — ARENA.
Mariano Beck — MDB.
Matheus Schimdt — MDB.
Nadir Rossetti — MDB.
Paulo Brossard — MDB.
Unírio Machado — MDB.
Vasco Amaro — ARENA.
Victor Issler — MDB.
Zaire Nunes — MDB.

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

DIRETOR-GERAL

ALBERTO DE BRITTO PEREIRA

CHIEF DO SERVICO DE PUBLICACOES
J. B. DE ALMEIDA CARNEIROCHIEF DA SEÇÃO DE REDACAO
FLORIANO GUIMARÃES

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Imprensa nas oficinas do Departamento de Imprensa Nacional — BRASÍLIA

Amapá:

January Nunes — ARENA.

Rondonia:

Emanuel Pinto — ARENA (30 de novembro de 1968).

Roraima:

Atlas Cantanhede — ARENA.

O 1.º PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — As listas de presença acusam o comparecimento de 42 Srs. Senadores e 310 Srs. Deputados.

O Sr. 2º Secretário procede à leitura da ata da sessão anterior, que é sem debates aprovada.

O Sr. 1º Secretário lê o seguinte:

EXPEDIENTE

CN-138

Em 4 de setembro de 1968.

Senhor Presidente.

Tenho a honra de comunicar a Vossa Exceléncia que, nos termos do artigo 62, § 3º, da Constituição Federal e do art. 1º, nº IV, do Regimento Comum, esta Presidência deliberou convocar as duas Casas do Congresso Nacional para, em sessão conjunta, a realizar-se no dia 26 de corrente mês, às 21 horas no Plenário da Câmara dos Deputados, conhecerem dos seguintes vetos presidenciais:

— Projeto de Lei nº 82-68, no Senado e nº 45-68, na Câmara, que concede estímulos fiscais à indústria de fabricação de empilhadeiras.

— Projeto de Lei nº 74-68, no Senado e nº 1.222-68, na Câmara, que acrescenta dispositivos ao Decreto-lei nº 37, de 18.11.66, estendendo benefícios aduaneiros a cientistas e técnicos radicados no exterior que venham a exercer sua profissão no Brasil.

2. Para as Comissões Mistas que os deverão relatar, foram designados os seguintes Senhores Senadores:

Quanto ao primeiro:

Mem de Sá — ARENA
José Leite — ARENA
José Ermírio — MDB

Quanto ao segundo:

Ney Braga — ARENA
Aloysio de Carvalho — ARENA
Argemiro de Figueiredo — MDB

Aproveite a oportunidade para renovar a Vossa Exceléncia os protestos de minha elevada estima e distinta consideração — *Gilberto Marinho*, Presidente do Senado Federal.

CN-140

Em 4 de setembro de 1968.

Senhor Presidente.

Tenho a honra de comunicar a Vossa Exceléncia que esta Presidência resolveu adiar, para o dia 11 de setembro, às 21 horas, a apreciação do voto presidencial ao Projeto de Lei nº 1.080-68, na Câmara, que modifica dispositivos da Lei nº 5.227, de 18 de janeiro de 1967 que dispõe sobre a política econômica da borracha, regula sua execução, e dá outras providências.

2. Designo, para a sessão de amanhã, às 21 horas, a apreciação do voto presidencial ao Projeto de Lei nº 32-67, no Senado e nº 1.879-64, na

pastas ministeriais porque não são chilenos.

Veja, Sr. Presidente, como esta Nação continua a oferecer uma imagem terrível às próprias subdesenvolvidas nações latino-americanas.

Eduardo Frei, democrata, extraordinária figura, mantém o país andino numa autêntica democracia. Acolheu os brasileiros banidos pelo movimento de março e esses brasileiros, com sua capacidade de educadores excepcionais lá estão a colaborar num plano educacional sem precedentes na história chilena.

Entretanto, o Brasil continua a mostrar um índice terrível de analfabetismo, com mais de 50% de sua população marginalizada nesse setor. Talvez o Presidente Costa e Silva não exteriorize, mas sentirá certamente, ao saudar o Presidente Eduardo Frei, a angústia terrível de estar indiretamente saudando aqueles cujos direitos políticos e, inclusive, mandados parlamentares cassou, como Ministro da Guerra. Alguns deles — Paulo de Tarso Santos, Plínio de Arruda Sampaio e Paulo Freire — hoje colaboraram decisivamente ao lado do Presidente Eduardo Frei no plano educacional chileno, baseado naquele plano considerado pelo movimento de março como subversivo e que hoje está dando resultados extraordinários no Chile.

Eis, Sr. Presidente, por que nos envergonhamos, e intimamente envergonhado deve sentir-se o Sr. Presidente da República.

Essas são as modestas palavras que desejava, nesta oportunidade, da tribuna do Congresso Nacional, pronunciar, transmitindo ao Presidente Frei a minha saudação e os meus agradecimentos por ter acolhido no seio da sociedade chilena aqueles honrados brasileiros que foram banidos do Brasil, especialmente os deus cidadãos com quem privei na vida política de São Paulo: o Sr. Paulo de Tarso Santos, homem honrado e caraz e Plínio de Arruda Sampaio, moço extraordinário.

Renovo, pois, neste momento, minhas congratulações ao Presidente do Chile, por ser um autêntico democrata e um grande exemplo para a própria nação brasileira. (Muito bem.)

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Com a palavra o nobre Deputado Feu Rosa.

O SR. FEU ROSA:

(Comunicação. Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, desejo, nesta oportunidade, fazer consignar nos Anais importantes trabalho de autoria, do Dr. Marien Calixte, conceituado intelectual capixaba. Pelos seus méritos e pelo seu conteúdo, torna-se esse trabalho digno da melhor atenção dos meus ilustres colegas. Trata-se da tese apresentada por S. S. na segunda sessão ordinária do I Simpósio sobre o Desenvolvimento do Espírito Santo, realizado em Vitória de 8 a 12 de julho do corrente ano, e está consubstancializada nos seguintes termos:

“O que é turismo? A palavra desconde de uma outra, do inglês *tourism*. A combinação das duas nos informará que turismo é o “gôsto por viagens”, “viajar”. Portanto, fazer turismo. Quem viaja são as pessoas, e é para elas que se organiza o turismo, que é uma atividade de comunicação humana e, segundo uma resolução das Nações Unidas, “uma atividade fundamental.”

Foi Heródotus quinhentos anos antes de Cristo, que saiu de sua cidade com a finalidade de conhecer outras terras e pessoas. Voltando, escreveu sobre o que viu. Nasceu o diário de viagem. A primeira excursão marítima nasceu de uma imposição. Noé

embarcou numa arca e navegou sem rumo. Enretanto, foi Marco Polo quem mais caminhou, e suas viagens revelaram coisas extraordinárias.

A ONU consagrou o turismo como a primeira indústria do mundo, já que o seu volume ultrapassou os demais ramos industriais. No ano de 1968, 300 milhões de cidades de todo mundo saíram de suas casas em viagem turística. O movimento financeiro foi de 60 bilhões de dólares enquanto o mercado mundial acusa um índice de crescimento de 7% ao ano, o turismo registra 12%. Em 1972 o turismo terá dobrado todas as suas estatísticas.

O turismo é um importante fator econômico. Há cinquenta anos não era concebido como indústria e sua existência se baseava num tripé promocional, formado por paisagem histórica e cultura. A Europa, certamente, foi que desenvolveu o turismo, partindo da propriedade desses três fatores que lhe são abundantes. O ideal seria como narra o Gênesis: "E era toda a terra duma mesma fala". Chamado de "Passaporte para a Paz", o Turismo desconhece gastos, hábitos e idiomas. Daí, a sua penetração e o seu crescimento vertiginoso.

Como forma industrial, o turismo tornou-se uma verdade econômica, podendo ser implantada em qualquer nação. A experiência moderna ensina que um bom patrimônio, principalmente o histórico, contribui para diminuir o custo operacional do turismo. Mas não chega a ser o fator preponderante. De 125 países, 80 destinam hoje especial atenção ao turismo, executado com perfeição por quarenta por cento destes países, pelo interesse econômico. Certamente, que nem todas as indústrias de turismo acertaram e um grande número delas peca pela desorganização ou falta de manutenção que é o caso brasileiro. Um exemplo: o México obteve um lucro superior a 200 milhões de dólares, exceção feita ao intercâmbio com os Estados Unidos, por força da facilidade de fronteiras. Enquanto isso, a América Latina mantém um prejuízo superior ao lucro mexicano. O motivo é evidente: falta de planejamento.

O setor de turismo do Estado da Guanabara está diante de uma estatística problemática: o turista que vem assistir ao carnaval carioca, demora-se no Rio o suficiente para aqueles festeiros. Quer dizer: está faltando campo de interesse, receptividade. Este é um problema nacional, que inclui, evidentemente, o Estado do Espírito Santo.

O planejamento do turismo nasceu após a Segunda Grande Guerra. Hoje o turismo é concebido e executado como uma indústria, cuja prosperidade surpreende e impressiona. Mas até a década de 1940 o turismo foi, sómente, comércio.

Turismo: indústria ou comércio? Eis a questão.

Turismo-comércio é aquele das primeiras décadas deste século, quando se fazia pura e simples propaganda de vitrine, ainda mantido hoje, por ignorância, omission ou incapacidade. O Brasil ainda está na fase do turismo-comércio. Ele anuncia o seu carnaval, o Rio Amazonas, o barroco e o churrasco como um negócio de vitrine.

O turismo-indústria é aquele organizado e objetivo; ele tem infra-estrutura, faz o levantamento de sua potencialidade, localiza os

eleiros de turistas, define e executa a motivação e parte para o negócio. Aqui, lembramos: é preciso valorizar o que se possui e construir o que se não tem. Isto chama-se receptividade. É preciso fabricar-se em função da demanda do mercado, e não sómente embelezar e anunciar nas vitrines e nos cartões postais, numa permanente reatativa de impor o produto ao consumidor como se fosse uma venda de fim de estação. A Disneylândia foi construída numa região praticamente deserta, e nos reencontos países do Oriente Médio onde a paisagem é um deserto na sua maioria, o turismo foi concebido sobre o pitoresco, e quem estiver bem informado certamente se recordará do famoso "Caminho dos Beduínos". O Brasil possui um dos mais ricos e insinuantes patrimônios turísticos, seja histórico ou natural mas foi sómente no ano passado que se criou um organismo específico — a EMBRATUR — de que só agora se pode e deve exigir resultados porque até então estava em fase de organização interna, compreensível.

Um erro que aflora na política brasileira de turismo é a separação do turismo interno do turismo externo. Tal erro nasceu da incompreensão do que seja turismo-indústria. Fazendo o Brasil o turismo-indústria, o reflexo é compreensível, mas indesejável. Mude-se a forma deste e se obterá a compreensão. Sabe-se que uma indústria deve ser desenvolvida a fim de atingir um alto grau de produtividade, na sua quantidade, na sua qualidade e no seu lucro. Turismo é feito para atender a todos. Isolar o programa interno do externo é dar-se as faculdades de insensibilidade e incompetência.

O brasileiro não conhece o seu próprio país, como o capixaba desconhece muita coisa do Espírito Santo. Tendo como principal problema social a Educação, básica para a formação de uma civilização, o nosso povo faz dos conhecimentos externos o adorno de sua cultura. Administrações oficiais e a divulgação mal orientada têm ensejado a que o brasileiro seja um impenitente de estrangeirismos. Estamos perdendo o nosso regionalismo sadio em favor das importações. É preciso não confundir provincialismo com regionalismo e nacionalismo com piauísmo. Em turismo é bom que as coisas estejam definidas. Assim, o brasileiro viaja em seu próprio país para ler cardápios escritos em francês ou inglês, e na maioria das vezes o garçom desconhece a tradução. O título de hotel vai desde o hotel mesmo até o dormitório. O povo desconhece o que é turismo organizado e continua a explorar o turista e não o turismo. Como no caso do verão em Guarapari, por exemplo, onde uma garrafa de água mineral ou de cerveja custam uma vez mais caro que em Vitoria. Em favor do turismo interno e externo, que devem ser programados e executados juntos, deveriam funcionar todos os setores governamentais, especialmente a autarquia que define as tabelas de preços. A observação parte da área federal, passando pela estadual, atingindo a municipal. Repetimos: em turismo, como em relações públicas, é bom que se definam as coisas. Explorar o turismo, e não o turista. Situando a atualidade brasileira, verificamos, sem esforço, que se desenvolve a inflação da ignorância. Somos ausentes de especialização,

de fiscalização eficiente e salvase a imagem, apenas, a força motivadora da discutida versatilidade verde-amarela.

Sabemos, que o essencial em turismo está formado sobre três colunas inseparáveis: estradas, hospedagem e alimentação. F. Carlos de Laet, um esforçado secretário de Turismo da Guanabara quem revelou os três vícios do turismo caminho, caminha. Nossas estradas são ainda em número reduzido, especialmente no Espírito Santo. Falamos de boas estradas. Não é necessário serem todas de asfalto, mas é importante que tenham eficiente manutenção e possuam indicações para o turista. Em turismo é assim: é preciso estar-se sempre, a qualquer hora e dia, esperando o Senhor Turista. A importância das estradas pode ser verificada na Itália, onde o Império Romano construiu caminhos que até hoje são pisados pelos turistas ávidos de surpresas. Mas é bom acentuar que sem o atendimento humano, à paisagem ficará desamparada e o resultado pode ser negativo. As bibliotecas, os museus, as lojas, tudo, enfim, dependerá da pessoa humana. Ao pensar no turismo-indústria, o Brasil — no caso, o Conselho Nacional de Turismo e a EMBRATUR — deveria implantar uma mentalidade, criar uma filosofia do turismo. Só a filosofia atinge profundamente as pessoas.

Constantemente se culpa a hotelaria brasileira de insuficiente. O Brasil possui 170 mil leitos nos hotéis de turismo. De 2 a 3 mil pessoas por dia fazem turismo neste vasto País. É pouco, muito pouco. Do estrangeiro, de 1955 para cá, menos de 100 mil pessoas aqui vieram. É pouco muito pouco. Não se culpe a hotelaria, porque leitos há em boa quantidade e qualidade, de razoável a excelente. No Espírito Santo onde se acusam 1.200 leitos, sendo pouco mais de 200 de qualidade razoável a confortável, segundo a especificação turística, o problema mais grave não é a hotelaria, e sómente em Vitoria necessitamos, realmente de mais hotéis de primeira e segunda categoria. Os hotéis — de Vitoria, como os de Guarapari, só chegam à lotação completa quando motivados por acontecimentos de época determinada — como é o caso da temporada de verão ou as férias de julho ou um Simpósio, como este. Os hotéis existem com bons leitos faltando apenas algumas exigências de especificação de qualidade e fiscalização por um órgão competente. O que falta é motivação, a fim de que haja permanentemente turistas clientes para os hotéis. Já, há alguns meses, o Série de Turismo vem trabalhando em convênio com o Hotel Canaã, e por isso motivamos várias excursões, vindas até do Rio Grande do Sul.

Uma política de incentivo à construção de hotéis deve incrementar, paralelamente, a promoção regional, a qualidade dos transportes e das vias de comunicação, além de manter a comida típica regional e desenvolver o artesanato. Construir hotéis para atender ao fluxo de determinadas temporadas como é o caso de Guarapari, é abusar da falta de inteligência e fortificar um erro de graves reflexos econômicos. Além do problema em que se levantam algumas hotéis de Guarapari, constantemente mudando de proprietários e de atendimento, há o caso do Hotel Cricaré em Conceição da Barra. É uma boa construção, colocada

em lugar privilegiado. Todavia perdeu a sua qualidade de atendimento porque vive na pobreza dos hóspedes, e sómente de janeiro a fevereiro consegue movimentar-se. A isto soma-se o problema da falta de uma estada que sirva ao local. Em Conceição da Barra, poderíamos fazer o turismo receptivo, visando o turista que estivesse viajando para o norte ou aquela que vindo desta região preferisse o sul, fazendo escala. Além do turista, o hotel daquela região poderia atender aos viajantes que são constantes. A estrada é de importância básica e, a seguir, a exploração por exemplo do folclore, como motivação permanente para o turismo. Nesta mesma região está Itaúnas, uma vila onde a natureza criou o pitoresco, através das imensas dunas que dia-a-dia mudam a conformação física do lugar. Tem sentido turístico e poderia ser aproveitado.

A mudança de proprietários de hotéis e, consequentemente, de tratamento, tem resultado na descrença pelo ramo, que é essencial no turismo, como já dissemos. É preciso não esquecer que os hotéis de grande luxo não servirão tanto ao turismo como aqueles de boa qualidade, de primeira a segunda categoria, porque e ainda no turismo que a classe média influencia decisivamente. Nela está a maioria do turista. Aos que criticam por criticar, lembramos que os hotéis brasileiros são de construção muito jovem, e suas instalações (banheiros, dormitório etc.) só pertencem para os dos Estados Unidos. Os hotéis de segunda classe representam uma tendência universal de grande crescimento, e, para argumentar, proliferam os planos de viagens, por financiamentos, típico da classe média, com influência inclusiva na classe rica. O presente fato não deve ser esquecido por aqueles que planejam a infra-estrutura do sistema receptivo brasileiro, e naturalmente o capixaba. Quanto às falhas, deviam partir para uma análise sincera e uma orientação, e fiscalização saneadora só fariam bem. Coloque-se a SUNAB e outros órgãos a funcionar em favor do turismo.

Comida. Já referimos ao cardápio dos nossos restaurantes. Eles começam intitulados de menu. O fato é nacional. O Espírito Santo é ainda um dos poucos lugares no Brasil, onde se come com prazer. A verdade está contida no desejo de todos nossos turistas eles querem experimentar a torta capixaba, a moqueca, e tudo que o generoso mar nos oferece. É o valor da coisa típica que tem superado as outras fálias. O turista morre, também, pela boca.

A comida típica, no Brasil, está desaparecendo. Cursos de culinária, hospedagem e recepção em geral deveriam funcionar com obrigatoriedade, para uma formação profissional correta, e não a prática através da experiência. A pessoa humana, repetimos, é a mais importante base para a funcionalidade do turismo-indústria.

Vemos, como urgente necessidade, a implantação de uma filosofia de turismo, para que fôsse sensibilizados os vários setores que influem neste rico ramo industrial. O turismo é uma indústria versátil, complexa, sedutora e altamente lucrativa, se realizada com organização e seriedade. Não foi por outro caminho que se levaram a Espanha, Portugal, França, Itália, Estados Unidos, Suíça, México, Canadá, África do Sul, Líbano e outros países, para realizar o seu turismo-indústria.

O Espírito Santo é um reservado protótipo das inesgotáveis possibilidades para o turismo que o Brasil representa aos olhos invejoso do mundo. Possuímos um patrimônio natural de inesgotáveis sugestões.

Neste Estado, até há poucos meses, nunca se falou em turismo. Sua importância se reflete na convocação para este Simpósio.

Nossa experiência neste setor começou há um ano, no Serviço de Turismo da Prefeitura de Vitória. Primeiro, nos ocupamos em dar condições a que o próprio setor burocrático funcionasse. Em seguida, passamos a comunicar de massas, utilizando um slogan e um símbolo. Foi com os três versos e o Viver é Ver Vitória que abrimos o diálogo: a crítica a sugestão ou o elogio comprovam cada vez mais a participação do povo. Desde indústrias e casas de comércio, colégios e entidades culturais, já se utiliza, sem timidez, o símbolo e o slogan, para motivar um produto, uma venda ou uma campanha. Há o lado pitoresco: o cidadão que se da ao trabalho de pintar uma placa com o slogan e colocar sobre um buraco, como forma de ironia ou protesto. Prova aí a sua participação na mentalização da filosofia que pregamos. Estamos furando o bloquio do desconhecido, do difícil e do negativismo. Mas não ficamos no simbolismo: o turismo receptivo é a nossa preocupação.

O Serviço de Turismo está sempre aberto às pessoas e incentivando todas as formas de promoção. Nas comemorações de São Pedro, na Praia do Suá, no dia 29 de junho passado, iniciamos nosso apoio ao folclore. Uma exposição semanal, permanentemente, na sede do Serviço, no Teatro Carlos Gomes, oferece ao turista a idéia de nossa participação em favor da cultura. Necessário não esquecer a cultura, um dos aspectos do turismo, porque faz a formação do povo. O grupo de recepcionistas, o brinde típico, orientação para programas e especialmente a correspondência frequente com agências de turismo, são responsáveis também pelo aumento de fluxo de turistas em Vitória. Há o exemplo da recente Semana Santa, em que recebemos 416 turistas, vindos de Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, especialmente para gozar aqueles feriados e as nossas sugestões. Vitória está deixando de ser uma cidade cujo objetivo nas excursões, por mar e terra, especialmente, é ser a via de comunicação e não um ponto de atração. Através de várias agências de turismo, do Lóide Brasileiro e do Touring Clube, conseguimos modificar este fato. Em abril, o navio "Anna Nery" veio a Vitória, trazendo 110 turistas viagem do Lóide, cujo objetivo era esta cidade mesmo. Foi a primeira promoção direta tendo o ES como atração e não como via.

A imagem de trabalho do Serviço de Turismo é hoje tão expressiva que diariamente temos que atender a pedidos os mais diversos, até fora do nosso setor. Mesmo tendo um órgão municipal, tem contribuído com o Estado todo, promovendo-o, e o reflexo dessa colaboração está no fato de importantes setores federais, estaduais e outros, procurarem nela a solução de problemas de a prestação de algum tempo. Mas somos uma unidade municipal e o Espírito Santo necessita de um órgão mais amplo: A constituição da EMCATUR (Empreza Capixaba de Turismo), pelo Governo do Estado, é uma esperança neste sentido, e

mesmo estando ainda numa incompreensível fase de organização, já nos acena com uma participação otimista e planificada.

O Espírito Santo — clamamos por uma atenção especial para este fato — é uma região de extraordinária riqueza turística. Situa-se no centro da maior região de interesse e motivação turística do País: o Espírito Santo está entre o mar e a montanha, tendo ao norte a Bahia, a oeste Minas Gerais e, ao sul, o Estado do Rio e, por extensão de fronteiras de difícil acesso, a Guanabara e São Paulo. A leste, a ampla, azul e dadioso Oceano Atlântico. Que outra parte do Brasil se encontrará um polo de interesse tão versátil e de todas as formas praticáveis? Não, não se encontrará outra. É definitivo que possuímos esta qualidade num complexo de quantidade. É, portanto, excepcional. Compreendemos isso, e o que fizemos em favor disso? Até aquinada.

A própria característica pessoal do povo capixaba não será o reflexo da influência de limites? O que é o capixaba senão a reunião da cortesia do mineiro e do fluminense, da sutileza do carioca, da expansividade do baiano e do nordestino em geral? Nossa comida é boa e faria; o folclore é rico; a história nos permite dizer que estamos entre os pioneiros da civilização brasileira; a paisagem natural é propícia a criar uma imagem nacional; Vitória é uma das três mais bonitas cidades do Brasil pela sua formação física, e raras cidades atingiram, num espaço de tempo tão curto, um desenvolvimento de sua atual expressão; Tubarão representa um cenário de grandeza técnica para o mundo; o solo é fértil e, "casa plantando, tudo dá"; o homem desta terra é digno e trabalhador, faltando apenas mais um pouco de motivação; quem escreve para o Brasil é Rubem Braga e José Carlos de Oliveira; e quem canta para todos, e até já se consagrou para o mundo, é Roberto Carlos; o mar farto e a montanha esplendida se une em tal perfeição e nos oferecem tantas possibilidades que é o próprio turista que nos pergunta quando faremos disto aqui o centro turístico do Brasil. E a beleza da mulher capixaba é um convite à admiração...

Sem excessos, e desejando apenas a fusão de esforço com imaginação, recomendámos realizar estes pontos:

1 — Abertura de trechos e melhoramentos dos existentes, para oferecer condições de acesso entre Marataízes, Ipira, Anchieta, Guarapari. Ao Norte de Vitória: Marataízes, Jacarapé, Nova Almeida. Para o interior, verificamos a necessidade de caminhos definidos para Santa Tereza; a Lagoa Juraparaná, em Linhares; São Mateus, onde o rico folclore espera à mingua de atenção; o Parque de Rio Bonito, uma região de excelente aproveitamento. E Caparaó.

A recente visita que nos fez o Ministro Mário Andrade, revelou o interesse do Governo Federal em dar por terminada, ao final deste ano, a BR-262, no trecho que liga Vitória a Belo Horizonte. Ai está um caminho maravilhoso para o incremento do turismo. Emocionante saber que este mesmo rodovia prosseguirá até Mato Grosso e atingirá a fronteira internacional. A BR-262 tem objetivo internacional: ligará o Atlântico ao Pacífico. A compreensão do Governo Federal a importância desta rodovia baseia-se em dois fatos: as estradas brasi-

leiras cortavam o País de norte a sul, faltando ligações rodoviárias de leste a oeste. O turismo é o outro objetivo. A BR-262 provoca desde já o interesse do Espírito Santo em organizar-se no sentido de poder atender a um fluxo de visitantes certamente ainda maior.

2 — Depois das rodovias, o aproveitamento real das qualidades naturais e daquelas organizadas pelo homem de Santa Tereza, de Juçarana, de Rio Bonito, Santa Tereza e Campinho poderiam ser as estações para quem busca ar de montanha, paisagem, boa água e paz. Juraparaná, a bela lagoa de Linhares, deveria ser santuário, e o aproveitamento de suas praias naturais, com motéis e diversões, a rica pesca e a caça disponível, são possibilidades para o turismo até internacional.

3 — O artesanato é um excelente campo de interesse do turista e poderia formar como base de relações públicas, com extensão industrial, para atender ao interesse econômico. A madeira, o minério, plantas e objetos da vida natural são inesgotável fonte de inspiração para o artesanato. Este cheiro tem servido, também, para abertura de diálogos proveitosos. A prática nos ensina que o turista é sensível à sutileza, é um pequeno cheiro, a gentileza humana e detalhes aparentemente simples, têm para ele um valor maior que os grandes edifícios, as pontes, as comunais, as igrejas cheias de solidão. A panela de barro em minatura ou na forma original, o cinzeiro de barro, a madeira trabalhada, quem não deseja colecionar? Porque o poder público não protege o artesanal, estimula-o e pratica nele a economia? O artesanal serviria ainda como campo profissional, contribuindo eficiente para problemas sociais de custumbrismo ou formação de jovens. O turismo industrial exige profissional.

4 — O turismo não se faz apenas de praias, e estas têm um significado temporário, porque o calor e que as sustentam como programação turística. Ver a paisagem não basta. Uma cidade tem de atrair de outros pontos receptivos. Como em quase todo o Brasil, esta Capital sofre do mal da aridez cultural. Sugerimos aqui a criação de um conjunto de atendimento à cultura, para formação coletiva: o teatro de pequeno porte, a sala de projeção para cinema de arte, o auditório, uma sala para exposições de artes plásticas. O projeto é praticável e seria um patrimônio rigorosamente positivo para o povo. A criança é um ser esquecido, e para ela não há projetos nem coisas existentes. Aqui, lembraríamos que, recentemente, o Prefeito Setembrino Felissari ordenou os estudos para a construção de um jardim botânico e um zoológico para Vitória, e também a reformulação do Parque Moscoso, objetivando oferecer melhores condições aos adultos e às crianças, com reflexo extensivo ao turista. O turista deve sentir-se numa cidade como se fosse o seu próprio habitante.

5 — Há quem exija para Vitória mais bares, ou restaurantes caros. E um erro de cálculo e representa um desejo sobre sem vinculação com a realidade regional. Necessitamos, sim, de estimular o que possuímos e manter ou criar características locais. O exagero é prejudicial. O turista sim exige porque gosta de ser bem informado e tratado. O turista é um curioso lúcido, e para ele é necessário não só a informação verbal mas o resumo histórico, a estatística, o mapa, as publicações,

seja qual for o seu nível de cultura.

6 — O regionalismo personalista tem sido prejudicial e será sempre negativo à expansão de idéias e programas de objetivo coletivo. Vemos como necessidade urgente, para o cumprimento da chamada Política Estadual de Turismo, em conexão com a de sentido nacional, que se reúne num só órgão oficial todos aqueles que existem ou que parecem existir em função de um atendimento bairrista. É o caso da existência de políticas municipais de turismo, em detrimento da política estadual de turismo. Esta planificação deve partir de cima para baixo, partindo da EMCATUR, e na situação capixaba, partindo do Governo Estadual. Extra-oficialmente, o Serviço de Turismo e a Empresa Capixaba de Turismo já têm uma coordenação definida, faltando agora a ampliação desse mérito de última colaboração mútua.

7 — Recomendamos ao Governo Estadual que mantenha em seu poder o Radium Hotel de Guarapari, cujo patrimônio deve participar da EMCATUR. O Radium Hotel, pelas qualidades inegáveis que possui como locação e fama, embora esteja reduzido a um atendimento precário obsoleto e indefinido, deveria servir à divulgação da EMCATUR como realidade econômico-financeira e como forma de relações públicas. Desfazer-se de um patrimônio de tanto valor e de tantas possibilidades como o Radium Hotel, é entregar a empresa que acaba de ser fundada à difícil perspectiva de viver do seu próprio capital e de expeditentes problemáticos. O patrimônio cultural deve também fazer parte da indústria turística, motivo porque recomendamos que o Teatro Carlos Gomes, a Rádio Espírito Santo e o Departamento de Estatística sirvam a política estadual de turismo. Não devemos repetir o erro brasileiro, fazendo turismo como uma exceção. Mas integrar todos os setores do patrimônio e da administração pública a essa indústria sem limites de ciúme, o turismo.

A essas recomendações tomamos a liberdade de endereçar uma outra, cujo objetivo são os administradores, os parlamentares, a imprensa, os professores, em especial, enfim, a todas as pessoas porque cada pessoa, desde o mais alto cargo até o cidadão mais simples, e a mais importante estação transmissora de relações públicas. As pessoas, um pedido, em favor do otimismo e da sinceridade; que se deixe de se referir ao Estado do Espírito Santo como "O pequeno e pobre Estado do Espírito Santo". Que se substitua esse complexo e esse sentimento de inferioridade geográfica em favor de uma outra imagem. Ao invés de se impor a pequenez territorial capixaba, apresentem-se soluções e coroando estas as qualidades inegáveis dos capixabas e do seu Estado. Como diz o povo: "Tamanha não é documento" e "Vive: é Ver Vitória". (Muito bem.)

SR. ANTONIO BRESOLIN:

(Comunicação. Sem revisão do orador) — Sr. Presidente e Senhores Deputados todos conhecem o meu comportamento nesta Casa em relação às greves dos estudantes, ao procedimento da Polícia e à maneira como se tem comportado o Governo. Há poucos dias ainda, desta tribuna, tive oportunidade de promover um longo discurso, positivando meu pensamento sobre o assunto. Como Deputado da Oposição, também é natural conhecido o meu pensamento sobre a estatística, o mapa, as publicações,

lizado ou procurado realizar em benefício da comunidade brasileira. Inclusive enfrentando muitas vezes tremenda dificuldade no meu partido, sempre trouxe a minha solidariedade ao Governo naquilo que entendi pudesse trazer benefício à população brasileira.

Hoje, quero dizer, Sr. Presidente, que volte a esta Casa, depois de ausência de 15 dias, profundamente decepcionado, não com a Polícia, que aí está, essa Polícia assassina e címinosa, mas com esse gaúcho que é o Presidente da República. Acredito que, todos os brasileiros é aquele que menos manda dentro do Brasil. Encontrava-me no Rio Grande do Sul, por ocasião do massacre dos estudantes na Universidade de Brasília. Toda a imprensa do meu Estado, inclusive Deputados da ARENA, homens independentes que defendem os interesses da comunidade brasileira, colocaram-se contra o massacre dos estudantes. E digo mais: volte aqui decepcionado, envergonhado, mesmo, de que o Presidente da República seja um gaúcho; um gaúcho que não é capaz de tomar as providências que se fazem necessárias; um gaúcho que permite, inclusive, no meu Estado, que a Brigada Militar, de tão gloriosas tradições, se tenha transformado em instrumento a serviço de políticos sem escrúpulos. Aquilo a que assisti no meu Estado é vergonhoso.

A Polícia no Rio Grande do Sul, sempre teve uma tradição gloriosa, sempre foi constituída de elementos de alto gabarito; mas agora, diante dessa politicagem que vai pelo Brasil a fora, ao lado de homens que merecem o meu respeito e a minha admiração, existem policiais que estão fazendo toda sorte de provocações naquele Estado. Em todos os municípios onde temos possibilidade de vencer, lá está o dedo do Governo. Diante do procedimento do Presidente da República em relação àquilo que se passa em Brasília, não posso descer também de que no Rio Grande o próprio Governo da União esteja participando com o Governo do Estado, de manobras para não permitir que possamos vencer as eleições.

Quero trazer, na noite de hoje, minha solidariedade integral aos estudantes de todo o Brasil. Sr. Presidente, Srs. Deputados, diante do massacre desses jovens, de hoje em diante deixarei de ser o Deputado que fui no passado, o homem compreensivo, o homem tolerante, o homem que aplaudia o próprio Governo, muitas vezes criticado por meus companheiros. Chega de massacres, Sr. Presidente; chega de sangue da juventude brasileira, daqueles que serão os condutores do Brasil de amanhã. Basta!

Por tudo isto, Sr. Presidente, volarei a esta tribuna, com o calor que todos me reconhecem nesta Casa, para censurar, para reprimir os atos do Governo e para dizer tudo aquilo que penso, haja o que houver para minha vida.

Vivemos num País onde as melhores inspirações são esmagadas pelo tacão daqueles que sabem que não contam com o voto do povo, pelo tacão daqueles que querem governar na "marrá" e na fôrça, e não dentro da liberdade que o povo deseja.

Coloco-me pois, ao lado da mocidade, e de hoje em diante deixarei de ser, nesta Casa, o Bresolin que fui no passado. (Muito bem. Palmas).

SR. ENTENDE:

(Pedro Aleixo) — Com a palavra o Sr. Deputado Sadi Bogado.

SR. SADI BOGADO:

(Comunicação — Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, hoje, em rápidas comunicações, trouxe ao conhecimento da Casa a dispensa do médico Carlos Gentile de Melo, da Fundação SESP.

Essa dispensa é de ser consignada, mas sobre ela não farei maiores comentários, a pedido do próprio interessado. Meu desejo era externar toda minha revolta contra a atitude insólita do Sr. Ministro da Saúde, de revide a um técnico de alta capacidade que teve a coragem de criticar, desde a primeira hora, a filosofia do Plano Nacional de Saúde.

E, se estou trazendo, hoje, ao conhecimento do Congresso Nacional este fato, é porque acredito que o motivo decisivo da punição sofrida pelo Dr. Carlos Gentile de Melo prende-se à circunstância de ser ele assessor do Instituto de Pesquisas e Estudos da Realidade Brasileira — IPERB — órgão criado por Senadores e Deputados com o objetivo de nos assessorar, e que tem prestado relevantes serviços ao Congresso Nacional.

Tendo a direção do IBERP recebido solicitação de vários Deputados no sentido de que fosse feita uma análise sobre o plano nacional de saúde, foi o Dr. Carlos Gentile de Melo, assessor daquele órgão, encarregado da realização desse trabalho, que, concluído, foi remetido a todos os Deputados e Senadores. Logo em seguida à publicação desse trabalho, foi ele sumariamente dispensado das suas funções no planejamento do SESP.

Quero consignar esse fato com meu protesto e minha revolta, porque o Sr. Ministro da Saúde não agiu com o equilíbrio e a firmeza de um dirigente em relação a esse critico que está trazendo à Nação um trabalho sério, porque um plano nacional de saúde não é sómente para receber os elogios, mas também para ser devidamente criticado e essas críticas acolhidas.

Tivemos oportunidade de dizer ao Sr. Ministro, na interpelação que lhe fizemos na Câmara, que alguns que estão criticando o plano, muitas vezes são bem mais leais e mais úteis à formulação desse trabalho, do que presente um alerta, pois está decisiva, quando atacava a Associação Médica da Guanabara, que, coincidentemente, o Dr. Carlos Gentile de Melo é o seu primeiro Secretário. E foi aquela Associação a primeira entidade que se levantou e alertou a Nação contra o Plano Nacional de Saúde, mostrando a sua ineqüibilidade. Dizia eu ao Sr. Ministro que os assessores da Associação Médica da Guanabara eram homens que assim procediam por amor ao Brasil, pela vontade de prestar serviços à sua comunidade, por espírito patriótico, desinteressadamente, ao passo que a assessoria do Sr. Ministro, conforme ele mesmo me afirmou em resposta a requerimento de informações, recebe 30 cruzeiros novos por hora para elaborar esse plano, que é ineqüível e que atenta contra a realidade brasileira.

Posteriormente, Sr. Presidente, entrarei em apreciações mais detalhadas contra essa medida que atingiu o Dr. Carlos Gentile de Melo. Ela representa uma alerta, pois está demonstrando que o Sr. Ministro não medirá esforços e não terá escrúpulos para tirar da sua frente aqueles que se oponham à ideia do Plano Nacional de Saúde. E, atingindo Carlos Gentile de Melo, considero-me atingido, porque, graças a ele, pude trazer grandes esclarecimentos à Casa, dentro de um plano elevado e técnico, sem sair para retaliações, sem perder a linha de um médico que procura estudar esses problemas e que está preocupado com eles. Graças a Carlos Gentile de Melo, a seu desprendimento, à sua boa vontade, a seu talento e à sua infiligrônia, pude fazer, sobre o Plano Nacional de Saúde, considerações que creio serão — e têm sido — muito úteis ao Congresso Nacional. (Muito bem.)

SR. DIAS MENEZES:

(Comunicação — Lé) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, no momento em que nos visita o ilustre Presidente do Chile, uma dolorosa sensação de inferioridade deve estar a dominar os brasileiros, como a mim desprime e envergonha. A disparidade entre os dois Chefes de Estado é tão gritante que melhor fôra não se encontrasse. Enquanto o notável estadista chileno desponta como a mais impressionante figura do hemisfério Sul e se projeta no mundo como um modelo de administrador e de homem público, alguém dotado de superior inteligência, possuidor de invejável cultura e que plasmou o seu espírito nos mais puros *values democráticos*, o Presidente do Brasil é o inverso disso tudo, talvez apenas se podendo dizer de S. Ex^a que se trata de uma boa alma.

A mediocridade que domina o nosso país é tão pavorosa, que a passagem por aqui de um Eduardo Frei de Montalva só pode marcar de humilhação este mecanismo da vida brasileira, submetida ao tacão militarista mais despreparado e mediocre que se possa conceber.

Que diálogo poderá ser travado entre o gentil homem Montalva, que é todo estadista e saber, e o Sr. Costa e Silva, que nada sabe e de nada quer saber?

Frei é a visão, é a coragem reformista, é o administrador seguro, a catedra moderna, é o ousado estadista dos povos novos. Que poderá conversar com essa figura de escol e tão despreparado General-Presidente, que desgoverna o nosso País?

Montalva preside uma nação onde inexiste poder militarista e por isso mesmo feliz. Chega ao Brasil no instante doloroso, quando à Nação se oferece o espetáculo triste do tacão brutal que invade Faculdades, que massacra estudantes, que ayulta a figura humana. Só poderá levar a dolorosa impressão de que se trata de pais sem governo e, portanto, irresponsável.

Quem ordenou o assalto à Universidade? Ninguém responde. O Sr. Costa e Silva não poderia ter sido mesmo o mandante, posto que apenas nominalmente é o Presidente. O Ministro da Justiça não sabe de nada. Os comandos militares tudo ignoram. O pobre homem que é o Reitor da Universidade não tem sequer a honrabilidade de exonerar-se.

Frei deve estar informado disso tudo. Voltará ao Chile confortado. Que nação feliz é a nossa, haverá de dizer ao abraçar, de regresso, os compatriotas, comovidos com a memorável luta de estadista que ministrou ao infeliz povo brasileiro. (Muito bem.)

■ FNNE:

(Pedro Aleixo) — Encerrado o período de breves comunicações. Aruncio a Ordem do Dia, consistente na discussão, em turno único, do Projeto de Lei nº 21, de 1963.

Ao projeto foram apresentadas duas emendas. A Comissão Mista concluiu seu parecer pela aprovação do projeto e contrário às emendas.

Em discussão. Tem a palavra o Sr. Deputado Lurtz Sabá.

SR. LURTZ SABÁ:

(Sém revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, a Casa aprecia, nesta noite, projeto do Poder Executivo que trata de promoção dos oficiais da Aeronáutica, ou seja, a alteração do Decreto-lei nº 174, de 15 de fevereiro de 1967, e do Decreto nº 321, de 4 de abril de 1967. Como o projeto se refere a promoção e trata de militares, quero aproveitar a oportunidade nessa tribuna para tratar na análise da resposta a pronunciamento que fiz na tribuna da Câmara dos Deputados e do Congresso Nacional, resposta essa do General Mário Gomes da Silva, dada ontem a rádio — e têm sido — muito úteis ao Congresso Nacional. (Muito bem.)

contrava numa comissão de inquérito e não pude ouvi-la. Nas várias oportunidades que ocupei a tribuna da Câmara dos Deputados ou do Congresso Nacional para analisar o comportamento, não desse cidadão, porque pouco me preocupam as pessoas, mas, sim, do órgão público, fiz uma série de acusações.

O mais interessante, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, é o teor das respostas.

■ SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Peço ao nobre orador que entre na discussão da matéria.

SR. LURTZ SABÁ: — Sr. Presidente, pediria a V. Ex^a que fosse um pouco liberal comigo, porque tomei conhecimento desse documento há poucos instantes e queria aproveitar esta oportunidade para comentá-lo, embora aparentemente sem uma aproximação com a matéria constante da nossa pauta, que diz respeito à promoção de militares. Como a resposta é dada por um militar, pediria a V. Ex^a que me permitisse prosseguir.

SR.

(Pedro Aleixo) — O cumprimento do Regimento cabe a cada um de nós. Fica portanto o nobre orador certo de que de sua parte a melhor colaboração está em cumprir o Regimento. Se o assunto for exclusivamente o que está sendo objeto da sua leitura, peço que considere que se deve dar como encerrada a discussão, caso nenhum outro orador queira fazer uso da palavra.

SR. LURTZ SABÁ: — Agradeço a observação de V. Ex^a, e vou alterne à matéria em debate, embora tenha observado em outras oportunidades a discussão de assuntos correlatos. Responderei depois, não ao General Mário Gomes, porque pouco me importa o Coronel, o General ou o Marechal, mas à Coordenação do Desenvolvimento de Brasília, que é o que interessa.

Sr. Presidente, já em outras oportunidades esta Casa arreciou projetos não apenas de promoção, mas de aumento dos efetivos das Forças Armadas, inclusive em momentos de paz. As Comissões mistas designadas para a apreciação desses projetos os aprovaram pacificamente.

Não faz muito, discuti acui um projeto relacionado também com o aproveitamento de pessoal e aumento dos efetivos da Aeronáutica inclusive a ampliação do seu quadro de engenheiros.

Naquela ocasião, conversando com alguns elementos especializados ou experts em assuntos militares, afirmavam-los particularmente que o Presidente Costa e Silva estava levando a efeito determinadas modificações nos quadros das Forças Armadas, a fim de constituir a sua equipe de assessores militares que era praxe de todos os Presidentes constituir a sua equipe de assessores e de comandos de tropas, e que já tinhamos arreciado projetos de outros Presidentes da República, como os Srs. João Goulart, Juscelino Kubitschek, de vários daqueles que passaram pela Presidência, de alteração e aumento dos efetivos.

Há poucos dias tive a oportunidade de ler nos jornais uma nota do Ministério do Exército, em que se dizia que determinados setores censuravam as dotações orçamentárias para as nossas Forças Armadas, enquanto outros Ministérios, como os da Educação e da Saúde Pública, não recebiam dotações. A justificativa era de que as verbas aplicadas eram para constituição de quadros de engenheiros, inclusive para aumento do efetivo na Amazônia, para o seu Batalhão de Engenharia, a fim de que, realmente, haja a conquista daquela área por brasileiros.

Claro que não sou homem ligado às Forças Armadas, porque sou de terceira categoria.

Há poucos dias, aqui estêve, na tribuna da Câmara Federal, por nossa convocação, o Sr. Ministro Leonel Miranda, a fim de falar sobre o Plano Nacional de Saúde. Ele não declarou nada, evidentemente, sobre a exigua verba destinada ao seu Ministério. Não declarou porque, de fato, os recursos aplicados nas mais importantes pastas do Governo brasileiro — da Educação e da Saúde, que considero fundamentais — representam muito pouco. Assim sendo, aquela Ministra não poderia responder, porque acusa o próprio Governo de que faz parte. Não teve S. Exa condições sequer para responder-me sobre as verbas aplicadas no combate às endemias rurais. Entretanto, para atender às Pastas Militares não há, absolutamente, dificuldade alguma. É claro que a promoção nos quadros das Forças Armadas deve existir. Mas, não faz muito, nós vimos um projeto de lei que permite ao Governo aumentar consideravelmente os postos, quer da Aeronáutica, quer da Marinha, quer do Exército. Isso implica por certo aumento substancial da dotação orçamentária.

Claro que eu gostaria que existisse uma compreensão de que o Brasil está colocado em segundo lugar, quanto ao índice de mortalidade infantil, pois somente a Birmânia está na frente do Brasil e em terceiro lugar está à Índia. A Nação brasileira está tendo uma grande explosão demográfica. Todo cuidado deve ser dispensado à saúde pública; deve existir uma concentração macia de recursos. Mas, em contrapartida, também um Ministro capaz. E os nossos militares que governam o País que ocupam os postos-chaves, pela sua alta compreensão, deviam sugerir ao próprio Governo, na elaboração da mensagem presidencial, recursos substanciais para a saúde pública, porque aí estão as doenças, as endemias rurais, atingindo 40 milhões de brasileiros.

Se analisarmos outro setor importante governamental, o da educação, verificaremos uma estatística dolorosa perante as próprias nações subdesenvolvidas. É claro que o presente projeto de lei trata de promoção, e apenas disso. Mas as promoções acarretam, evidentemente, aumento de despesa, assim como os projetos que aprovamos aumentando consideravelmente os efetivos. As Forças Armadas vão inaugurar em Brasília, um hospital maravilhoso, pelo que se fala, mas as estatísticas apontam 35 mil médicos no Brasil para atender uma população de 80 milhões de brasileiros. Existem regiões em nosso País de mais de 150 mil habitantes sem um médico. Enquanto a Suécia apresenta um quadro de 800 a 900 cidadãos para um médico, o Brasil está com 11 mil para um médico. As próprias Forças Armadas encontrarão dificuldades para equipar com material humano seu próprio hospital, na Capital Federal. Se olharmos para esse quadro tão importante dos setores de educação e saúde, verificaremos que eles carecem de recursos.

Não faz muito, a própria Faculdade Paulista de Medicina alegava falta de recebimento das verbas federais e estava a ponto de fechar suas portas por ausência de recursos. A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, que tinha verbas federais para receber, encontrava-se em terríveis dificuldades. Outros estabelecimentos importantes do setor educacional aí estão em situação de pânico. E da saúde pública nem se fala. Gostaria que os teóricos do Governo cuidassem exatamente desses dois pontos importantes, que realmente nos envergonham perante o mundo.

A incapacidade desses elementos que integram o Governo é tanta, que o Ministério da Saúde, há poucos dias deixou de buscar os recursos da Organização Pan-Americana de Saúde. Na mais importante reunião desse órgão, lá estava uma cadeira vazia: era exatamente a do representante do Brasil, do Ministério da Saúde. Com todos

esses problemas que nos afligem, o Ministro da Saúde ainda vem falar em levar a medicina profilática a todos os brasileiros.

Quero, nessa oportunidade, ao apresentar o projeto de lei criando de mensagem do Poder Executivo, que dá nova redação a dispositivos da Lei nº 5.020, de 7 de junho de 1963, com as alterações dos Decretos-Leis número 173, de 15 de fevereiro de 1967 e 321, de 4 de abril de 1967, dizer que o Governo deve voltar suas preocupações para outros setores importantes e fundamentais, pois os nossos efetivos militares já são suficientes. Os militares acabam de receber um aumento de vencimentos, que, inegavelmente, representa, no quadro pessoal civil e militar, um privilégio. É inegável que o militar recebe pouco mas muito menos que o ci-

vil. Que o Governo aplique todos os recursos de que pode dispor, num plano de prioridade, nesses avisos importantes setores, saúde e educação, já que, inegavelmente, eles não existem. Quem pode apontar nessa República um ponto positivo do Ministério da Saúde? Ninguém pode apontar porque o atual Governo está ausente nesse campo.

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Seu tempo está terminando, nobre Deputado.

O SR. LURTZ SABIA — Agradeço a V. Exa.

O SR. LURTZ SABIA — Agradeço a V. Exa.

Então, vai um apelo à compreensão dos nobres e honrados militares que comandam as Pastas militares.

Vamos restringir as despesas desses Ministérios, que já recebem vultosas somas — e a peça orgânica está ai para confirmar minhas palavras e fazer a concentração de recursos para as duas Pastas importantes nessa Nação, porque investir em educação e saúde é construir a própria nacionalidade. E qual o militar que não deseja, realmente, construir a nacionalidade?

Aqui faço o meu apelo. Retaliam-se um pouco nas suas operações de aumento de quadros, de promoções, de aumento de vencimentos. Vamos abra mão de determinados privilégios e formular apelo ao Governo, no conjunto, e dai os recursos indispensáveis para que, no Brasil, possamos pelo menos reconhecer a existência de dois Ministérios fundamentais e importantes para a própria consolidação nacional em todos os seus setores de atividade: o da Saúde e o da Educação.

E o apelo que formulo a esses honrados militares. (Muito bem).

O SR. PRESIDENTE:

(Pedro Aleixo) — Não havendo mais oradores, encerro a discussão. Anuncio a votação do projeto.

Tem a palavra, para encaminhar a votação, o Sr. Deputado Humberto Lucena.

O SR. HUMBERTO LUCENA:

(Encaminhamento de votação — Sem revisão do orador) — Senhor Presidente e Srs. Congressistas, o Sr. Presidente da República enviou ao Congresso, em caráter de urgência nos termos da Constituição Federal, mensagem acompanhada de projeto de lei que dispõe sobre as promoções de Oficiais da Ativa da Aeronáutica e dá outras providências.

Perante a Comissão Mista o nobre Deputado Amaury Kruel, membro ilustre do Movimento Democrático Brasileiro na Câmara dos Deputados, apresentou as duas emendas que constam do avulso, ns. 1 e 2, que dizem o seguinte:

PROJETO DE LEI N° 21, DE 1963 (CN)

Dá nova redação a dispositivo, da Lei nº 5.020, de 7 de junho de 1963, que dispõe sobre as promoções de Oficiais da Ativa da Aeronáutica, alterada pelo Decreto-Lei nº 321, de 4 de abril de 1967, e dá outras providências.

EMENDAS APRESENTADAS PERANTE A COMISSÃO MISTA

Emenda nº 1

Dê-se ao § 1º do art. 22 a seguinte redação:

“§ 1º. Os interstícios para promoção, nos diferentes postos, são:

a) 2º-Tenente — 6 (seis) meses como Aspirante;

b) a 1º-Tenente — 2 (dois) anos como 2º-Tenente;

c) a Capitão — (seis) anos como oficial subalterno, dos quais pelo menos 2 (dois) anos como 1º-Tenente;

d) a Major — 4 (quatro) anos como Capitão;

e) a Tenente-Coronel — 3 anos como Major;

f) a Coronel — 2 (dois) anos como Tenente-Coronel;

g) a Brigadeiro — 2 (dois) anos como Coronel;

h) a Major-Brigadeiro — 2 (dois) anos como Brigadeiro;

i) a Tenente-Brigadeiro — 2 (dois) anos como Major-Brigadeiro”.

Justificação

O interstício obrigatório nos diversos postos da hierarquia militar é uma necessidade indiscutível para o oficial adquirir os conhecimentos indispensáveis ao exercício das funções inerentes ao posto imediatamente superior.

Julgo, assim, que os prazos de permanência nos diferentes postos devem figurar no corpo da lei e não em sua regulamentação como pretende o presente projeto, pois que, se constar na regulamentação, a sua alteração está à mercê da política militar muitas vezes injusta para a Instituição. Se assim afirmo é porque os exemplos nas Forças Armadas são muitos, como graves danos para a hierarquia militar. E tanto isto é certo que a Lei nº 5.020, de 7.6.66, já fixava estes interstícios. Não sei porque deseja o Ministério da Aeronáutica excluir-los da lei para colocar na regulamentação.

Sala das Sessões, 15 de agosto de 1968. — Deputado Amaury Kruel.

Emenda nº 1

Dê-se ao art. 52 a seguinte redação:

“Art. 52. As promoções por Antiguidade e Mérito se efetuam nos dias 20 de Janeiro — data da criação do Ministério da Aeronáutica; 20 de Julho — nascimento de Santos Dumont e 23 de outubro — dia do Aviador — para preenchimento das vagas abertas até os dias 10 de Janeiro, 10 de Julho e 13 de outubro”.

Justificação

O projeto de lei ora proposto modifica as datas de promoção por Antiguidade e Mérito que a lei em vigor fixa: o dia 20 de Janeiro — data da criação do Ministério da Aeronáutica. Pelo projeto, altera-se esta data para o dia 31 de março, aniversário da Revolução de 1964.

No meu entender, a data constante na lei em vigor, 20 de ja-

neiro, aniversário do Ministério da Aeronáutica, é muito mais importante e muito mais significativa do que a data da Revolução de março de 64. Esta data, quer queiram quer não, em muito breve será esquecida pela Aeronáutica e por toda a Nação; ao passo que a data da criação do Ministério da Aeronáutica será eterna, como eternas são as Instituições Armadas do Brasil.

Sala das Sessões, 15 de agosto de 1968. — Deputado Amaury Kruel.

Estas duas emendas, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, não registraram aprovação nem do Sr. Relator, o nobre Deputado Haroldo Veloso, no caso da Comissão Mista, nem naquele órgão técnico do Congresso Nacional, quando da sua apreciação. E consta mesmo do avulso referente a matéria o voto vencido do Deputado Amaury Kruel, autor das proposições que acabou de ler, pelo que, tendo em vista que a Liderança da ARENA na Câmara dos Deputados teve de me informar, por intermédio do Deputado Euclides Triches, que não poderá na votação simbólica votar as emendas do Deputado Amaury Kruel, a Liderança do Movimento Democrático Brasileiro no Congresso Nacional, delegou-me instruções, no exercício da Liderança, para que negasse aprovação em nome do Partido, ao projeto. Só poderemos estar a favor desse projeto, se as alterações propostas pelo nobre Deputado Amaury Kruel forem aceitas pela Liderança do Governo, nesta Casa do Congresso Nacional.

Era o que tinha a dizer. (Muito bem. Muito bem. Palmas).

O SR. ÚLTIMO DE CARVALHO:

(Encaminhamento de votação — Sem revisão do orador) — Senhor Presidente, sempre que tem a apreciação desta Casa projetos que dizem respeito às gloriosas Forças Armadas, apressam-se alguns representantes do povo a ocupar a tribuna para faturar para os meios subversivos que, querendo outras forças armadas, como acontece nos governos extremistas, para a Nação brasileira, procuram diminuir o valor daqueles homens que são a garantia do funcionamento do Congresso Nacional. Vão à tribuna faturar não digo para a oposição, porque esta, felizmente, em nossa Casa é composta, em sua quase totalidade, de verdadeiros representantes do povo mas faturar repito, junto à subversão de cima, às ocultas, por esta terra brasileira.

Muito bem.

Acabamos de ouvir um orador fazer reuniões às Forças Armadas, às quais esse mesmo orador deve a liberdade de dizer tais desafetos. Sr. Presidente, desta tribuna, no encaminhamento da votação, quero dizer à Casa e à Nação que o ponto de vista de certos homens que se dizem representantes do povo não é o da totalidade dos membros do Congresso Nacional, que têm as nossas gloriosas classes armadas no seu alto e grande valor.

Sr. Presidente, dentro de nossas classes armadas, todas elas com inumeráveis serviços prestados à Pátria, ressalte-se a heroica aviação militar que cobre este Brasil, principalmente os rincões da Amazônia. Entretanto, não dispõe do material indispensável à sua segurança muito menor para manter a integridade nacional, tarefa que a Pátria lhe entregou.

Proposições como esta, ou quaisquer que sejam enviadas a esta Casa, referentes às nossas Forças Armadas, principalmente à gloriosa Aeronáutica devem ser aprovadas, porque representam o interesse dessas classes. Graças a elas, especialmente à Aeronáutica e à nossa gloriosa Marinha que, repito, a Amazônia é brasileira. Muitos não sabem disso, por que não

Publicado no D.C.N. (Seção II) de 29.8.68.

percorreram ainda o Brasil. E não só Deputados, mas até membros do Governo. Há dias, quando o nosso grande Presidente transferiu o Governo para a Amazônia, um Ministro de Estado decidiu que se entristassem com a Amazônia, que ele não conhecia.

Sr. Presidente, Srs. Congressistas, como um Ministro de Estado, servindo a um Governo há mais de um ano, não conhece o território nacional, não conhece 2/3 do território patrio? Isso acontece também nos quairos oficiais mas nem por isso temos o direito de negar à Aeronáutica aquilo que ela solicita a esta Casa. Certos Deputados, preocupados com o asfalto, não percorrem o Brasil, não conhecem os improvisados campos onde os aviões da nossa Aeronáutica pousam, aviões pré-históricos, que, se fossem oferecidos a quaisquer compradores, só poderiam ser adquiridos como ferro-velho. Entretanto, no cumprimento do dever, os nossos aviadores militares continuam voando nesses aparelhos pré-históricos, atentos aos interesses da Nação e zelosos das fronteiras da nossa terra.

Aqui, fica, portanto, Sr. Presidente, o meu voto, o voto dos democratas dessa Casa a favor deste projeto e de quaisquer outros que nos enviem as nossas plorosas Forças Armadas, porque graças a elas o Congresso Nacional existe. (Muito bem)

• PRESIDENTE:

(Pedro Alcino) — Tem a palavra o Sr. Deputado Celso Passos.

O SR. CELSO PASSOS:

(Comunicação — Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas e Deputado Último de Carvalho, sempre vibrante nas suas palavras, exaltou há pouco a Fôrça Aérea Brasileira, defendendo o projeto ora em discussão. Sua Excelência lembrou-me a circunstância de que muitas classes militares serviram em longas guerras mundiais da época de guerra, enfrentando risco, e às vezes, vivendo com equipamentos perigosos pelo uso prolongado.

Sei na plena negar que Sua Excelência tem razão a fazer essas afirmações. Desejava, porém, lembrar aos Srs. Congressistas que a Oposição não é contrária ao projeto e o aprovou desde que acordadas pelo líder da oposição, o Deputado Amaro Krue, autor das emendas é também militar, e também membro das Forças Armadas, fez a revolução, com ela se decepcionou e hoje integra as fileiras do MDB. S. Exa., por certo, melhor que o Deputado Último de Carvalho, conhece as deficiências e pode apurá-las as necessidades das militares.

Por tanto, a ficar com a palavra categórica do Deputado Último de Carvalho — que não se saõ porque fala em subversão, como contestar por vezes o direito dos militares caracteriza-se uma atitude subversiva — preferimos ficar com a palavra do militar.

Queremos, nesta oportunidade, lembrar que o Deputado Amaro Krue fez a exigência do interstício para essas promoções, e essa exigência é também feita no escalonamento dos funcionários civis. Não são apenas os militares que são escalonados em carreiras e que esperam as promoções. Os funcionários civis também são classificados em cargos e carreiras em que se requer interstício, e raras vezes talvez, neste seis anos de mandato, deixa de ver nesta Casa, no Congresso Nacional, projeto tratando de regulamentar e de fazer cumprir as regras sobre as promoções dos funcionários civis da União, que estes também correm riscos, que estes também recebem pequenos salários, que estes também servem em zonas inacessíveis. E preciso não distinguir entre militares e civis, reclassificando

aqueles que são os donos do País neste momento privilegios que não se reconhecem ao funcionário civil. Ainda recentemente os militares tiveram, por decreto, há poucos dias — um aumento nos seus vencimentos, por aplicação da legislação anterior. Não conhecemos bem o assunto, mas sei que, de uma forma ou de outra, foram aprimorados com uma melhoria nos seus vencimentos. E os funcionários civis, a exemplo das demais classes assalariadas, permanecem no arrojado de vencimentos.

Por estas razões, e mais ainda pela circunstância de que o projeto recebeu emendas que podem adequá-lo à nossa aprovação, entendo que, a ficar com o entusiasmo do Sr. Deputado Último de Carvalho pelas Forças Armadas, é melhor ficar com a emenda apresentada por um militar, o Deputado Amaury Krue, a um projeto que visa a regulamentar critérios de promoção das classes armadas. E lembre-se também que precisamos ver promovidos os funcionários civis que permanecem anos e anos, superado muitas vezes o prazo de interstício, sem melhoria nas suas carreiras. Que se promovam os militares, mas que se promovam também os civis. (Muito bem)

O SR. EUCLIDES TRICHES:

(Encarregamento de votação — Sem revisão do orador) — Senhor Presidente, a Comissão Mista instaurada para apreciar o projeto de lei número 21-1-68 opinou pela sua aprovação. Recebeu esse projeto duas emendas do nobre Deputado Amaro Krue, que foram rejeitadas pela Comissão Mista. A Maioria dessa Casa também muito acertada acolheu Comissão, no seu entender, Sr. Presidente, quando rejeitou as duas referidas emendas. Bem ao contrário, de que se pretende fazer esta Casa acreditar isto é, que as emendas seriam de caráter protecionista cuja elaboração política, elas fariam as normas técnicas do projeto.

Se não vejamos. A maioria deles pretende incluir na própria lei os interstícios. Não é que os interstícios tenham sido eliminados. Eles continuam. Por este projeto, elas figuram no Regulamento da Aeronáutica — e esta Casa já aprovou projeto de lei semelhante com relação a Marinha — o regulamento esse que evidentemente deve ser aprovado pelo Senhor Presidente da República. ora e que se pretende com este projeto de lei triunfo do Executivo, é fazer com que os interstícios figurem no Regulamento da Aeronáutica e não que sejam eliminados. A emenda deseja que elas figurem no todo desta lei.

Segunda emenda. Atualmente, as promoções na Aeronáutica são feitas no dia 20 de janeiro, aniversário da Criação do Ministério da Aeronáutica. ora, e como bem diz o Relator, segundo a Lei nº 4.902 de 16 de dezembro de 1965, que regula a inatividade dos militares e fixação de rotas compulsórias bem como todo o processamento, consequente tem lugar a partir do primeiro dia de janeiro, estendendo-se até o dia 15 de março. A ocorrência simultânea de promoções e transferências para a reserva ex officio tem apresentado grandes inconvenientes para a Corporação, havendo inclusive dificuldades para aproveitamento de vagas decorrentes da compulsória na promoção de 20 de janeiro. Por consequente, impõe-se por motivos puramente técnico, o deslocamento da data de promoções de 20 de janeiro para 31 de março. Evidentemente poderia ser qualquer dia depois de 15 de março, mas convém que não seja um dia excessivamente próximo, do dia 15, uma vez que há necessidade de uma série de processamentos burocráticos com essa finalidade. Faz consequente, o que nos leva a rejeitar essas duas emendas são razões de ordem puramente técnica.

e não de ordem política, mesmo porque elas — quero deixar bem claro — foram rejeitadas pela Comissão Mista que tratou do assunto. (Muito bem).

O SR. PRESIDENTE:

Terminado o tempo destinado ao encaminhamento de votação, vamos passar à votação da matéria.

Em votação o Projeto, sem prejuízo das emendas.

Em votação na Câmara dos Deputados.

Os Srs. Deputados que o aprovam, queiram permanecer como estão. (Pausa.)

Aprovado.

O SR. HUMBERTO LUCENA:

(Questão de ordem. — Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, requeiro revirificação, e declaro que a Bancada do MDB, na Câmara, está em obstrução.

PRESIDENTE:

(Senador Catele Pinheiro) — Vai ser processada a chamada para verificação do resultado, na forma do requerido pelo nobre líder do MDB. A votação será feita de Norte para Sul. O Sr. Secretário da Câmara dos Deputados queira iniciar a chamada.

Respondem à chamada o voto SIM, os Srs. Deputados:

Euclides Triches

Acre:

Geraldo Mesquita — ARENA

Jorge Lavocat — ARENA

Nossa Almeida — ARENA

Wanderley Dantas — ARENA

Amazonas:

Carvalho Leal — ARENA (28.2.69)

José Lindoso — ARENA

Raimundo Parente — ARENA

Wilson Calmon — ARENA — (1 de novembro de 1968)

Pará:

Armando Corrêa — ARENA

Gabriel Hermes — ARENA

Haroldo Velloso — ARENA

Juvêncio Dias — ARENA

Maranhão:

Alexandre Costa — ARENA

Américo de Souza — ARENA

Henrique de La Rocque — ARENA

José Marão Filho — ARENA

Luiz Coelho — ARENA — (16 de setembro de 1968)

Nunes Freire — ARENA

Pires Saboia — ARENA

Temistocles Teixeira — ARENA

Vieira da Silva — ARENA

Piauí:

Ezequias Costa — ARENA

Fausto Castelo Branco — ARENA

Joaquim Parente — ARENA

Milton Brandão — ARENA

Pedro Ferraz — ARJNA

Sousa Santos — ARENA

Ceará:

Delmiro Oliveira — ARENA

Edilson Melo Távora — ARENA

Ernesto Valente — ARENA

Furtado Leite — ARENA

Hildebrando Guimarães — ARENA

(17.1.69)

Josias Gomes — ARENA

Leão Sampaio — ARENA

Manuel Rodrigues — ARENA

Wilson Roriz — ARENA

Rio Grande do Norte:

Agenor Maria — ARENA (23.1.69)

Paraíba:

Ernani Satyro — ARENA

Monsenhor Vieira — ARENA

Pedro Gondim — ARENA

Wilson Braga — ARENA

Pernambuco:

Aderbal Jurema — ARENA

Alde Sampaio — ARENA (31.12.68)

Cid Sampaio — ARENA

Milvernes Lima — ARENA

Paulo Maciel — ARENA
Scout Maior — ARENA

Alagoas:

Aloysio Nonô — ARENA
Luiz Cavalcante — ARENA
Medeiros Neto — ARENA

Sergipe:

Arnaldo Carcez — ARENA
José Onias — ARENA (15.11.68)
Luiz Garcia — ARENA
Passos Pôrto — ARENA

Bahia:

Alves Macedo — ARENA
Clódealdo Costa — ARENA
Fernando Magalhães — ARENA

João Alves — ARENA

José Penedo — ARENA

Luis Athayde — ARENA

Luiz Braga — ARENA

Odúlio Domingues — ARENA

Oscar Cardoso — ARENA

Rubem Nogueira — ARENA

Ruy Santos — ARENA

Técido de Albuquerque — ARENA

Tourinho Dantas — ARENA

Vasco Filho — ARENA

Wilson Falcão — ARENA

Espírito Santo:

Feu Rosa — ARENA

Osvaldo Zanotto — ARENA

Parente Frotta — ARENA

Raimundo de Andrade — ARENA

Rio de Janeiro:

Daso Coimbra — ARENA

Dayl de Almeida — ARENA

Mário Tamboré — ARENA

Miguel Couto — ARENA (SE)

Raymundo Padilha — ARENA

Guanabara:

Arnaldo Nogueira — ARENA — (UNESCO)

Cardoso de Menezes — ARENA

Minas Gerais:

Aureliano Chaves — ARENA

Bento Gonçalves — ARENA

Dinal Mendes — ARENA

Edgar Martins Pereira — ARENA

Elias Carmo — ARENA

Francelino Pereira — ARENA

Geraldo Freire — ARENA

Gilberto Almeida — ARENA

Guilhermino de Oliveira — ARENA

Gustavo Capanema — ARENA

Hélio Garcia — ARENA

Israel Pinheiro Filho — ARENA

Luis de Paula — ARENA

Manoel Tavares — ARENA

Maurício de Andrade — ARENA

Murilo Badaró — ARENA

Nogueira de Resende — ARENA

Ozanam Coelho — ARENA

Paulo Freire — ARENA

Pedro Vidigal — ARENA

Sivaldo Boaventura — ARENA

Técílio Pires — ARENA (SE)

Último de Carvalho — ARENA

São Paulo:

Armando Mastrocola — ARENA

Bezerra de Melo — ARENA

Campos Vergal — ARENA — (28 de dezembro de 1968)

Cândido Sampai — ARENA

Cardoso Alves — ARENA

Celso Amaral — ARENA

Chaves Amarante — ARENA

Israel Novaes — ARENA

Italo Fittipaldi — ARENA

José Resegue — ARENA

Lacorte Vitale — ARENA

Lauro Cruz — ARENA (SE)

Leonardo Monaco — ARENA (SE)

Marcos Hartmann — ARENA

Nicolau Tuma — ARENA

Pereira Lopes — ARENA

Ruydalmeida Barbosa — ARENA

Yukishige Tamura — ARENA

Goiás:

Ary Veloso — ARENA

Benedicto Ferreira — ARENA

Enival Caiado — ARENA

Jales Machado — ARENA

Joaquim Cordeiro — ARENA

Lisboa Machado — ARENA

Rezende Monteiro — ARENA

Wilmar Guimarães — ARENA

Mato Grosso:

Garcia Neto — ARENA
Marcilio Lima — ARENA
Saldanha Derzzi — ARENA
Weimar Torres — ARENA

Pará:

Agostinho Rodrigues — ARENA
Haroldo Leon-Pereira — ARENA
Leo Neves — MDB
Lyrio Bertelli — ARENA
Maia Neto — ARENA

Santa Catarina:

Adhemar Ghisi — ARENA
Albino Zeni — ARENA
Aroldo Carvalho — ARENA
Carneiro Loyola — ARENA
Joaquim Ramos — ARENA
Lenoir Vargas — ARENA

Osmar Dutra — ARENA
Osmi Regis — ARENA
Romano Massignan — ARENA

Rio Grande do Sul:

Alberto Hoffmann — ARENA
Amaral de Sousa — ARENA
Arlindo Konder — ARENA
Arnaldo Prieto — ARENA
Ary Alcântara — ARENA
Brito Velho — ARENA
Clóvis Pestana — ARENA
Daniel Faraco — ARENA
Lauro Leitão — ARENA
Vasco Amaro — ARENA

Amapá:

Janary Nunes — ARENA

Rondônia:

Emanuel Pinto — ARENA (30 de novembro de 1968).

Roraima:

Atlas Cantanhede — ARENA
Respondem à chamada e votam
"Não" os Srs. Deputados:

Humberto Lucena

Argiano Daro

Raul Brumini

O. R. A. (Presidente):

(Catete Pinheiro) — Poderia a votação. Votaram 160 Srs.; e 3 voto. Não houve quorum.

O SR. AURELIO VIANNA:

Pego a palavra, para uma declaração.

O. R. A. (Presidente):

(Catete Pinheiro) — Tem Vossa Ex* a palavra.

O SR. AURELIO VIANNA:

(Para uma declaração — Sem voto do orador) — Senhor Presidente

e nobres Congressistas, a bancada do MDB do Senado Federal permaneceu neste plenário para votar contra a aprovação deste projeto, porque não pode aceitar as declarações do nobre Relator, Deputado Haroldo Velho, de que "a data de 31 de março, além de preencher as necessidades antes apresentadas, presta uma homenagem a nosso entender, cabível e justa à revolução de 1964".

A bancada do MDB não aceita que se de caráter eminentemente político a uma lei de promoções de oficiais da ativa. Permaneceu para votar contra a matéria e marcar, assim, a sua posição. (Muito bem).

(Catete Pinheiro) — Não tendo havido quorum, sera, oportunamente, marcada nova sessão para a continuação do processo de votação. Esta encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 22 horas e 59 minutos)